



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**VANESSA SILVA SOARES**

**Variação Linguística no Ensino de Língua Portuguesa: um olhar do professor  
de séries do fundamental II**

**SERRA TALHADA**

**2019**

**VANESSA SILVA SOARES**

**Variação Linguística no Ensino de Língua Portuguesa: um olhar do professor  
de séries do fundamental II**

Trabalho apresentado como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Lívía de Araújo Santos.

SERRA TALHADA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S676v Soares, Vanessa Silva

Varição linguística no ensino de língua portuguesa: um olhar do professor de séries do fundamental II/ Vanessa Silva Soares. . Serra Talhada, 2019.  
34 f.: il.

Orientadora: Renata Livia de Araújo Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) . Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.  
Inclui referências.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). 2.Varição linguística. 3. Língua portuguesa - Gramática. I. Santos, Renata Livia de Araújo, orient. II. Título.

CDD 400



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA**  
**LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**VANESSA SILVA SOARES**

**Variação Linguística no Ensino de Língua Portuguesa: um olhar do professor  
de séries do fundamental II**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Renata Lívia de Araújo Santos . UFRPE/UAST  
1<sup>a</sup> Examinadora/Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito . UFRPE/UAST  
2<sup>a</sup> Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima Silva dos Santos  
3<sup>a</sup> Examinadora

Serra Talhada, 24 de Janeiro de 2019

%No dia que for possível à mulher amar em sua força, não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma mas para se encontrar, não para se demitir mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal.+ (BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Vol. II. A experiência vivida, 1967. P. 437 a 438.)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe que sacrificou sua vida em prol da minha para que eu pudesse realizar seu sonho, e agora nosso, de ser professora. Agradeço também ao meu marido Jonas Adriel e sua família, também agora minha, que foram meus principais pilares para permanência na cidade de Serra Talhada.

Agradeço sobretudo a todos meus professores, desde o ensino básico até o presente momento, porque todos de alguma forma colaboraram para minha formação intelectual e humana.

Agradeço a minha orientadora Renata Livia, que tão pacientemente me conduziu para a concretização desse trabalho e também agradeço a banca avaliadora formada por Dorothy Brito e Maria de Fátima que aceitaram fazer parte da concretização desse sonho.

E por último, mas não menos importante, agradeço a todas as forças intelectuais maiores que me conduziram até aqui e me guardaram durante toda essa jornada.

A todos, muito obrigada!

## RESUMO

Durante todo o processo de ensino de línguas, desde as primeiras escolas firmadas no Brasil guiadas pelos Jesuítas, houve uma didática apoiada ao uso correto e às normas dessas línguas, o que não se fez diferente quando a Língua Portuguesa entra no currículo escolar, apoiada por manuais concretizados por professores do Colégio Pedro II. A normatização da língua, para os professores, foi por anos e anos a forma correta de se aprender e de se falar o idioma, sem espaço para variações desta. Apenas recentemente, a pouco mais de vinte anos, com a chegada de documentos federais voltados ao professor, como por exemplo, os PCNs, o ensino de Língua Portuguesa começa a ser visto de uma forma mais interacional, ligando esse ensino ao cotidiano dos alunos e não mais a uma língua erudita e inalcançável. Houve processos nos cursos de Licenciatura que buscaram mudar a visão dos novos professores quanto a língua em que usam e que posteriormente seria seu objeto de trabalho, para que com isso os alunos pudessem enxergar seus discursos de forma não inferiorizada, afirmando que o que eles falam é português sim. Com isso, este trabalho teve como objetivo trazer um estudo a respeito de como se dá e qual a importância da variação linguística no ensino básico, mais precisamente no Ensino Fundamental II, tendo colaboração de professores participantes desse nível de ensino, por meio de entrevistas escritas com seis desses profissionais docentes de duas escolas de Serra Talhada-PE. Os resultados mostram um novo contexto nas práticas de ensino de Língua Portuguesa, que visa uma sala heterogênea e com respeito a sua língua.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa. Variação Linguística. Ensino Fundamental II.

## ABSTRACT

During the whole process of teaching languages, from the first schools signed in Brazil guided by the Jesuits, there was a didactic supported by the correct use and the norms of these languages, which was not different when the Portuguese Language enters the school curriculum, supported by manuals made by teachers of the Pedro II College. The normalization of language, for teachers, was for years and years the correct way to learn and speak the language, without space for variations of this. Only recently, in just over twenty years, with the arrival of federal documents aimed at the teacher, such as the PCNs, does Portuguese language teaching begin to be seen in a more interactive way, linking this teaching to the students' daily lives and no longer to an erudite and unreachable language. There were processes in the undergraduate courses that sought to change the vision of the new teachers as to the language in which they use and that later would be their object of work, so that the students could see their speeches in a non-inferiorized way, stating that what they speak It's Portuguese, yes. With this, the objective of this study was to present a study about the importance of linguistic variation in basic education, specifically in elementary education II, with the collaboration of teachers participating in this level of education, through written interviews with six of these teaching professionals from two schools in Serra Talhada-PE. The results show a new context in the teaching practices of Portuguese Language, which aims at a heterogeneous room with respect to its language.

**Key words:** Teaching Portuguese Language; Linguistic Variation; Elementary School II.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - O que é Sociolinguística e qual a importância dela na formação do aluno?.....	25
<b>Quadro 02</b> - Quando um aluno usa uma variante não-padrão, o corrige abruptamente? Por quê?.....	26
<b>Quadro 03</b> - Acredita que a variação linguística pode colaborar no ensino de Língua Portuguesa? Justifique.....	27

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
1. O ensino de Língua Portuguesa no Brasil .....	11
1.1. Os PCN's e a importância da Variação Linguística em sala de aula .....	15
1.2. O que é Sociolinguística e como ela contribui para a formação do professor? .....	19
1.3. Qual a importância da Sociolinguística Educacional para o ensino de Língua Portuguesa?.....	22
2. Metodologia.....	24
3. Análise dos dados.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS.....	32

## APRESENTAÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas, mais precisamente o que pauta as escolas de ensino público, por muito tempo trouxe um viés estruturalista, que vem sendo disseminado desde a primeira escola instaurada no Brasil, comandada por Jesuítas, os quais vieram para esse território no processo de colonização. Da mesma forma em que era visto o ensino de línguas, como por exemplo, o Latim, baseado apenas em regras gramaticais e estudos estruturalistas e sintáticos da língua, assim se fez o ensino de Língua Portuguesa, que até os dias atuais ainda trazia seu foco voltado em regras que ditam o jeito certo e errado de se falar, desprivilegia a língua em uso e exclui seu lado social, aquele que traz variações linguísticas pelos mais diversos motivos, desconsiderando os contextos de fala e a língua enquanto objeto social. Este trabalho buscou analisar através de entrevistas escritas feitas com seis professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, com abordagem qualitativa, mais precisamente em duas escolas de Serra Talhada . PE, se os docentes participantes do atual cenário da educação tinham conhecimento do que é a Sociolinguística e qual a importância dela na formação do aluno, como os mesmos reagem quando é empregada uma variante não-padrão pelo discente e se eles acreditam que a prática de respeito as variantes linguísticas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas, sendo apresentado a análise desses dados coletados ao final do trabalho. Para embasamento teórico, foi apresentado autores como BAGNO (1999) e BORTONI-RICARDO (2005), além de documentos federais, como os PCNs.

## 1. O ensino de Língua Portuguesa no Brasil

No Brasil, o primeiro programa de estudos surge com os Jesuítas, membros da Companhia de Jesus, que vieram juntamente com os portugueses no processo de colonização. Os mesmos

[...] estruturava[m] o ensino em dois ciclos: o primeiro, correspondente ao secundário, dividia-se em cinco classes, três de Gramática, uma de Humanidades e uma de Retórica e se estendia por seis ou sete anos. O segundo, correspondendo ao nível superior, compreendia três anos de Filosofia e quatro de Teologia (FÁVERO, 1996, p. 85 apud MALFACINI, 2015, p. 46).

Nessa época em que ocorria esse programa de estudos no Brasil com os Jesuítas, a Língua Portuguesa ainda não era um objeto de estudo, conseqüentemente não fazia parte do currículo escolar, tendo esse programa como principal língua, o latim, uma língua clássica. O tupi era visto e estudado apenas como língua de contato entre os portugueses e os nativos.

Posteriormente, por volta do século XVIII, Sebastião José de Carvalho e Melo, também conhecido por Marquês de Pombal, inicia uma Reforma Educacional que fez parte da Reforma Pombalina, a qual modificou vários âmbitos, não somente o educacional, contudo nesse momento iremos nos deter ao que diz respeito à educação. Com essa Reforma, pela primeira vez a Língua Portuguesa é incluída nos currículos escolares, porque segundo Malfacini (2015, p. 47), Marquês de Pombal justificou que para a prática de uma nação dominante incutir no povo dominado também o domínio linguístico e os jesuítas então são expulsos do Brasil, por diversos motivos da coroa, mas o que tange à forma educacional implantada por eles, acabou por não sofrer muitas alterações, pois, não houve um planejamento anterior à expulsão dos responsáveis pela educação no Brasil colonial, e conseqüentemente, Pombal continuou com os assuntos já dados anteriormente nas escolas jesuítas, como Retórica, Latim etc., sendo a Língua Portuguesa adicionada ao currículo, mas como o português ainda não era constituído enquanto uma área de conhecimento, usava-o apenas como um auxílio para o ensino do Latim, pois esta última ainda tinha o prestígio de ser uma língua clássica, e dessa forma continuava-se o ensino gramatical e estrutural da mesma.

Alguns anos após a chegada da família real, mais precisamente em 1854 com a implantação da nova reforma de Couto Ferraz, estudos voltados para as línguas vernáculas começaram a entrar no currículo e textos literários estrangeiros começam a ser estudados e aos poucos os textos estrangeiros passaram a ser substituídos por autores portugueses e brasileiros+ (PIMENTEL, 2017, sem paginação)<sup>1</sup>. Porém, no Colégio Pedro II, o ensino se voltava para a ortografia antes mesmo de se criar o acordo ortográfico e posteriormente o exame de Língua Portuguesa passou a ser obrigatório para admissão nas faculdades do Império.+ (PIMENTEL, 2017, sem paginação)<sup>2</sup>.

No século XIX várias gramáticas da língua portuguesa começaram a ser lançadas e no século XX o latim é retirado do currículo escolar.

Foi nesse contexto que surgiram as gramáticas escritas por professores e dirigidas a seus alunos, o que veio a ratificar a importância dos estudos de gramática na escola. Nesse momento histórico (1837), também é importante ressaltar a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, que instalou e consagrou, durante décadas, o padrão do ensino de língua no Brasil. Significativamente, foram os professores desse colégio os autores dos principais manuais de gramática e retórica usados durante os Séculos XIX e XX (MALFACINI, 2015, p. 47).

A partir dos anos 50, o ensino passa a ser mais democrático, trazendo mudanças no currículo escolar e aumentando as possibilidades de acesso à escola, fazendo com que não apenas os filhos das famílias elitizadas tivessem acesso à educação, mas também os filhos dos trabalhadores. Nesse momento começa um grande aumento de alunos nas salas de aula e um momento de mudança para o professor que agora tem um cenário bem mais heterogêneo para lidar e escolarizar. Além disso, com uma demanda maior de alunos, profissionais não qualificados para a área começam a preencher cargos de professores, o que culmina em uso excessivo do livro didático como objeto principal para elaboração de aulas e atividades.

Conforme atesta a autora de Técnica de Redação [Obra que se tornou referência no ensino de língua portuguesa nas décadas de 70 e 80], é digno de nota que, nessa época, os manuais didáticos passaram a incluir

---

<sup>1</sup>Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12148-breve-história-do-ensino-de-língua-portuguesa-no-brasil>> acesso em 30.04.2018 às 22h15min.

<sup>2</sup>Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12148-breve-história-do-ensino-de-língua-portuguesa-no-brasil>> acesso em 30.04.2018 às 22h15min.

exercícios (de vocabulário, de interpretação, de redação, de gramática), dando ao autor do livro didático um papel de destaque no processo pedagógico, no qual ele assume a tarefa não só de preparar o cronograma das aulas, como também a de propor as respostas consideradas como corretas para os exercícios propostos (MALFACINI, 2015, p. 49).

Até os anos 70 as aulas de português continuavam a ser voltadas ao estudo da Morfossintaxe, onde até os textos literários eram usados como pretextos para o ensino estrutural da língua. Quando se é decretado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tendo sua primeira versão em 1961 e a última em 1996, trazem pela primeira vez em um documento federal estudos da linguagem oral e visam a língua enquanto objeto de comunicação, e textos literários começam a ter como acompanhantes nos livros didáticos matérias de jornais e revistas para desenvolvimento do aluno ligado a questões presentes no cotidiano.

[Nos] anos 70, vemos que o ensino do Português sofreu mais uma radical mudança, em virtude da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692/71). [...] a nova lei punha a educação a serviço dos objetivos e ideologia do governo vigente, passando a língua a ser considerada instrumento para esse desenvolvimento, com seu foco voltado para o uso (MALFACINI, 2015, p. 49).

Nesse período vários estudos começam a focar numa educação voltada ao uso da língua, trazendo aos alunos oportunidade de debates mais livres, mudando a forma tradicional de aprendizado de um vocabulário. Segundo Malfacini (2015, p. 49), na época, mudou-se a denominação da disciplina, nas séries iniciais, de *Português para Comunicação e Expressão -insaudosa expressão+*. Porém essa nova forma de ensino não foi bem aceita e havia sérias dúvidas sobre seus resultados, o que fez com que em 1980 o Conselho Federal de Educação decidisse voltar com a nomenclatura para Português e o ensino tradicional fosse trazido de volta às salas de aula, isso possivelmente ocorreu devido ao fato de as escolas já seguirem esse padrão de ensino estruturalista há muito tempo ou até pela não preparação dos professores para essa nova forma de ensino.

Ainda nos anos 80 começam a aparecer novas teorias linguísticas como as vertentes da Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Textual, Pragmática e Análise do Discurso (MALFACINI, 2015, p.51), que é resultado de um trabalho que vem sendo feito desde 1960 com a implementação de várias áreas da Linguística

nos cursos de Letras. As mudanças que vieram juntamente com essas novas visões linguísticas na formação dos professores foram inúmeras e consideráveis.

[...] primeiramente a Sociolinguística nos alertou para as diferenças entre o padrão culto e as variantes linguísticas faladas pelos alunos, forçando professores a uma nova atitude, e, por conseguinte, diversificada metodologia diante da heterogeneidade linguística na sala de aula. Em segundo plano, a Linguística, ao desenvolver estudos sobre a descrição do Português escrito e falado, deixou para trás a concepção prescritiva da língua que trazia em si a crença de que só se deveria conhecer a gramática da língua escrita, o que mudou a concepção da natureza e do conteúdo de uma língua para fins didáticos. Em terceiro lugar, a Linguística Textual evidenciou a necessidade de que a gramática não se limitasse às estruturas fonomorfológicas, postulando que o texto, em sua modalidade oral ou escrita, devia ter presença garantida no ensino [...] o que garantiu, conseqüentemente, espaço para a Semântica nos manuais didáticos produzidos mais recentemente (SOARES, 1996 apud MALFACINI, 2015, p. 51).

Dessa forma, os novos professores formados dentro dessa nova grade de ensino, agora conhecedores dos novos estudos que circulam a língua em uso, começam a trazer didáticas diferentes as salas de aula, com mais ênfase ao respeito a diversidade linguística e novas propostas ao ensino da língua.

Diante desse novo cenário, nos estudos voltados ao ensino efetivo da língua portuguesa, em 1996 é lançada a nova Lei de Diretrizes e Bases visando uma educação voltada ao pluralismo cultural e a prática social. E em seguida, no ano de 1997, é lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõe que as competências básicas (e não o acúmulo de informações) apresentem vínculos com os diversos contextos da vida dos alunos (PCN, 1999, p. 11 apud MALFACINI, 2015, p. 53) e principalmente, traz uma discussão acerca do uso da linguagem em seus contextos, como veremos a seguir.

### **1.1 Os PCN's e a Variação Linguística em sala de aula**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são orientações feitas pelo governo federal em um documento voltado a educadores das mais diversas áreas, mas, especificamente neste trabalho, trataremos do tópico voltado ao ensino de Língua Portuguesa. O documento, já em sua apresentação, inicia com uma

afirmação em relação à importância do domínio do aluno diante da língua, seja ela escrita ou falada, em sua totalidade.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 15).

Os saberes lingüísticos que todos os alunos têm o direito a ter acesso não se resumem somente a conteúdos estritamente estruturais, voltados à gramática normativa e sim a língua em sua totalidade, da qual partilha de suas variantes, sejam elas por motivos sociais, culturais, regionais etc., e que por nenhum motivo deve ser desprestigiada ou desconsiderada no ensino, para que o aluno não passe a acreditar que o que ele ou o que as pessoas a sua volta falam estão obrigatoriamente errados e devem ser corrigidos. A fala é espontânea, fluida e se adequa às situações de fala vigente, do qual o aluno deve ou pelo menos deveria ter acesso a essa concepção e saber que seu conhecimento já adquirido não está errado, mas que com este ele é capaz de aprender muito mais coisas, também a respeito da língua e poder usá-la com excelência em seus mais diversos contextos e uso, assim como aponta os PCN's.

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta - diferentes práticas sociais das quais se pode participar (BRASIL, 1997, p. 22).

Os discursos empregados por nós trazem uma carga histórica imensa, da qual diferencia em dados momentos da história causadas pelas alterações na língua conforme o seu uso, pois diferentemente do que Ferdinand Saussure afirmava, a sociedade, agente do uso dessa língua, pode modificá-la e atualizá-la, o que acontece a todo tempo e em cada geração. Afinal a importância e o valor dos usos

da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento+(BRASIL, 1997, p. 25).

O ensino efetivo da língua proporciona ao aluno a criticidade de se impor nas mais diversas situações e ser um agente na sociedade em que vive. O entendimento da sua língua materna, dos seus fenômenos, suas particularidades, seu uso e sua materialização em forma escrita, com acesso aos mais diversos tipos de textos e seus respectivos gêneros, proporciona ao aluno uma nova visão do mundo, dos grupos sociais, inclusive o qual ele é inserido e de todo um contexto histórico e social de construção do que hoje ele reproduz, que não é errado e nem inferior, pode apenas ser inadequado a depender de cada situação de fala.

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais - que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1997, p. 25 a 26).

Os PCN's também trazem a discussão acerca dos grupos dialetais e o preconceito sofrido pelas variantes empregadas em cada uma delas, pois a língua em prestígio ainda é aquela estruturada e empregada conforme as leis e/ou regras da gramática normativa, e ressalta a importância do conhecimento por parte dos alunos a respeito dessas variantes, das quais eles mesmos empregam, como dito anteriormente, de acordo com o grupo social em que fazem parte, por exemplo. Entretanto, é papel da escola e conseqüentemente do professor desmistificar esse processo de forma certa ou errada da língua, que causa prejuízo ao aluno que se vê incapaz de usar uma língua da qual ele não reconhece como sua, pois difere em vários aspectos da qual ele aprendeu e utiliza, fazendo com que por vezes essa língua seja tratada como uma outra língua, como quando estes afirmam que não sabem nada de português+

Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é

atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma certa de falar - a que se parece com a escrita - e o de que a escrita é o espelho da fala - e, sendo assim, seria preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas (BRASIL, 1997, p. 26).

Existem várias formas de fazer com que esse aluno entenda os diversos contextos em que pode aplicar os seus conhecimentos da língua, como planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. (BRASIL, 1997, p. 27), da qual proporcione ao aluno momentos de real uso dos mais diversos tipos de variações a qual a língua pode ser empregada, sendo possível assim que o aluno entenda que tão importante quanto as regras gramaticais que normatizam a Língua Portuguesa, assim é a língua em que ele aprendeu com seu uso social, que traz sua carga cultural e histórica e que não pode e não deve ser desconsiderada e/ou desprestigiada conforme ainda acontece em algumas salas de aula. O que prejudica esse entendimento por parte da escola e até mesmo do professor, são aqueles docentes aos quais não tiveram sua formação voltada aos conhecimentos sociolinguísticos, por vezes por ser uma formação mais antiga da qual não houve reciclagem e/ou atualizações, e suas vertentes acabam por não ter um conhecimento prático de como funcionaria o ensino da língua sem está vinculada às regras pregadas pela gramática normativa. Entretanto, novos profissionais docentes estão sendo formados a cada ano e em seus currículos acadêmicos tiveram a oportunidade de desenvolver um ensino plural, mediante matérias que tratam da importância do respeito a diversidade linguística e a importância do respeito a ela dentro da sala de aula, fazendo com que a cada dia esse cenário do ensino de uma língua estritamente gramatical se transforme e dê lugar a uma sala de aula rica em diversidade e em respeito. E é

sobre a importância da Sociolinguística no ensino e sua extrema contribuição na formação ampla e efetiva do docente e posteriormente dos seus alunos que será discutido a seguir.

### **1.2O que é Sociolinguística e como ela contribui para a formação do professor?**

A Sociolinguística é uma área de estudo da Linguística que aborda a língua enquanto objeto social. Ela vem enquanto complemento aos demais estudos que se debruçaram apenas na estrutura interna da língua, como o estruturalismo de Saussure. Então a Sociolinguística traz suas pesquisas tendo como objeto de estudo a língua em uso, em que o social passa a ser ressaltado.

Muitos foram os estudos feitos acerca da linguagem enquanto um instrumento social e, conseqüentemente, muitos estudiosos já apontavam pesquisas a respeito do tema, como é o caso de William Dwight Whitney, linguista americano que enxergava a língua enquanto uma *Instituição Social*, a qual pertencia a um meio social e não apenas a um indivíduo.

Além de Whitney, outros estudiosos fizeram suas colaborações científicas para o campo da linguagem social, como Antoine Meillet, que foi aluno de Saussure, mas que discordou da forma como este separava os fatos internos e externos da língua, acreditando que eles caminham lado a lado.

Meillet, em suas discussões, não fez distinção entre língua e fala e preferiu utilizar a terminologia linguagem em suas conceituações. Essa era compreendida como a razão principal de existência do grupo social, como o elemento que tornava possível a socialização (MARRA; MILANI, 2012, p.70).

Um discípulo de Meillet que teve grande destaque e que continuou com as pesquisas nessa área foi André Martinet, que por sua vez orientou o doutorado de Uriel Weinreich, estudioso esse que foi responsável pela orientação de mestrado e doutorado de William Labov. Este último, que por sua vez, trouxe uma grande contribuição para os estudos sociolinguísticos por discordar dos estudos Saussurianos, que privilegiou a língua como estrutura fixa e imutável.

Discordando de maneira em que haja um confronto direto de concepções, Willian Labov difere do pensamento de Saussure, afirmando que a língua é heterogênea e sujeita a mudanças históricas, geográficas e socioculturais. Da maneira em que Labov faz uma interface de língua com cultura, surge a Sociolinguística [...] (JÚNIOR; OLIVEIRA, 2015, p. 30).

Dessa forma, Labov irá direcionar seus estudos para a Teoria da Variação Linguística, que trata da sistematização das mais diversas situações de variação em diferentes comunidades de fala, que é o *lócus* do objeto dessa teoria. Analisar essas variações e estudá-las como um dicionário da língua em uso e entender como essas se dão nos mais diversos contextos e, ainda, por que são escolhidas naquela situação de fala são o foco da Sociolinguística Laboviana. Nesse sentido, Labov destaca a interação entre língua e cultura, além disso, ele também frisa a questão das variantes consideradas de prestígio, que são aquelas onde há um maior uso de regras gramaticais, de palavras consideradas %corretas+, chamadas de variantes padrão, e acabam por ter mais prestígio no meio social, e as variantes não-padrão, que por sua vez acabam sendo menos prestigiadas por serem palavras com marca de coloquialismo, atribuída pela gramática normativa como uma forma de %falar incorreta+, desprestigiando as variações encontradas nas situações de fala.

Esse tipo de atitude e/ou forma de pensar, como discutido anteriormente, ainda é muito comum nas escolas, trazendo uma cultura de que o português deve ser falado como nas enciclopédias e dicionários, fazendo com que muitos professores dessa área, principalmente, desconsiderem as variações empregadas no discurso do aluno. O que acontece na verdade é que o aluno traz uma carga cultural, geográfica e social considerável, mas que para ele essa carga passa a ser um discurso feio e errado, do qual o mesmo aprendeu com o professor que deve ser corrigido e falado segundo as regras da norma padrão, fazendo com que a Língua Portuguesa se distancie do aluno, quase se tornando uma segunda língua da qual ele não usa e conseqüentemente, por vezes, não tem interesse em aprender.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola . gramática - dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico,

errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que isso não é português+(BAGNO, 1999, p. 40).

O papel do professor de Língua Portuguesa, nesse caso, deveria ser o de mediador entre a língua falada e a língua escrita, fazendo o aluno entender que não necessariamente precisa-se falar como escreve e onde se admite que na primeira haverá variações e que não há problema, desde que cada discurso se encaixe nos locais de fala, fazendo com que o aluno saiba que a forma como ele fala não é errada, não é feia e nem sem valor, mas propícia ao momento e ao local em que está sendo empregada, mostrando a importância que existe não só em dominar as regras da norma padrão e saber empregá-las, seja no discurso ou na escrita, mas também o valor que existe no discurso que ele construiu com suas vivências, sua vida em sociedade e sua cultura, porque de uma forma ou de outra tudo isso ajuda a fomentar nossos falares ao longo da vida. Professores capazes de entender a importância de respeitar as variações presentes na língua e que empregam esse pensamento em sala de aula, formam alunos muito mais ativos nas aulas de Língua Portuguesa, capazes de entender para que serve as regras da norma padrão ensinadas, que muitas vezes se tornam descontextualizadas e os fazem capazes ainda de empregar os mais diversos discursos às mais diversas situações, fazendo-os mais uma vez entender que não existe certo ou errado, existe apenas o momento de fala propício para cada discurso.

É preciso lembrar que a Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Variacionista não tem pretensões de discutir sobre o sistema educacional, porém, percebeu-se que seus pressupostos podem colaborar com tentativas de melhoras desse sistema, como veremos a seguir.

### **1.3 Qual a importância da Sociolinguística Educacional para o ensino de Língua Portuguesa?**

A Sociolinguística Variacionista, como mencionada anteriormente, é um campo da Sociolinguística que estuda a importância dos fenômenos variacionais da língua, a qual sofreu e continua sofrendo variações por ser um objeto de uso social, que se transforma juntamente com a história da humanidade. O conhecimento

desse campo de estudo pelos professores de português é de extrema importância para o ensino da língua, uma vez que desmistifica a forma de se falar como %certoq ou %errado+e traz para o aluno um horizonte muito mais completo sobre a forma de estudar e usar a língua em suas diversas facetas e suas diversas situações de fala, manifestando a língua enquanto um sistema heterogêneo.

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolingüísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134 apud IBIAPINA, 2012, p.04).

Dessa forma, é preciso que nem o professor e nem mesmo a escola desconsidere e/ou desvalorize a variação linguística presente nos discursos dos alunos, para que o aluno possa a partir do seu discurso já construído ao longo da vida, constituir e trabalhar novas formas de discursos que serão usados de acordo com as situações de fala e que podem e devem ser aprendidos na escola, pois a língua é um bem cultural que deve ser respeitada e valorizada, sem estigmatizar ou desvalorizar uma determinada forma de falar.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. O alunos que chegam a escola falando ~~h~~ós cheguemuq ~~h~~bridoqe ~~h~~ele dromeq por exemplo, tem que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas tem o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Sendo assim a Variação Linguística quando trabalhada em sala de aula traz o respeito e a valorização dos diferentes discursos que expressam diferentes culturas, diferentes histórias e principalmente diferentes contextos sociais, fazendo com que o aluno entenda que sua forma de falar e as regras aprendidas em sala de aula fazem parte de uma mesma língua e que as duas formas são igualmente importantes e construtivas para sua formação, estruturando um interesse em uma língua tão

desvalorizada na escola por eles, exatamente por parecer tudo menos a língua que falam. Trazer a realidade do aluno para a sala de aula e aproveitar os saberes que os alunos já possuem facilitam no processo de aprendizagem do aluno e o fazem estarmais próximos dos mais amplos usos da sua língua materna e propicia uma formação fundamentada e palpável em seu uso social.

Esses são alguns dos pressupostos pensados pela Sociolinguística Educacional, especialmente por Bortoni-Ricardo em seus estudos (2005). Para essa área da Sociolinguística, o papel da escola deve ser o de propiciar ao aluno práticas especializadas da sua vivência, fazendo-os adequar suas várias formas de uso da língua de acordo com os contextos dessas práticas. Portanto, a pedagogia usada nas aulas de língua portuguesa deve ser a Pedagogia da Variação, que privilegia a abordagem heterogênea da língua e combate o preconceito linguístico.

Por fim, nesse trabalho buscamos discutir a importância do respeito a língua em uso por parte dos docentes, língua esta que traz as mais diversas variações pelos mais diversos motivos nos discursos dos alunos e que por vezes acabam sendo estigmatizados por conta dessas variações linguísticas e acreditando que a língua que ele aprendeu e reproduz não é correta e não é a língua portuguesa da qual buscam que ele aprenda na escola, o que pode causar diversos prejuízos para esse aluno, como o de se sentir inferior ou até mesmo incapaz de aprender uma língua tão diferente da sua, causando problemas em um aprendizado que poderia ter sido feito juntamente com o conhecimento prévio da língua que o aluno já tem e já reproduz. Dessa forma, passamos para o próximo tópico que irá trazer a metodologia usada no trabalho em questão.

## 2. Metodologia

No presente trabalho optou-se pelo método qualitativo como recurso para obtenção dos resultados pretendidos a partir da discursão teórica apresentada anteriormente. Para isso foram feitas entrevistas escritas com seis professores de língua portuguesa de duas escolas públicas da cidade de Serra Talhada, onde cada entrevista continha três perguntas, sendo a primeira: O que é Sociolinguística e qual a importância dela para a formação do aluno?; onde esta buscava entender se o docente em questão tem conhecimento da área da Sociolinguística e se ele acredita que essa área pode contribuir para a formação efetiva do aluno. A segunda pergunta da pesquisa: Quando um aluno usa uma variante não-padrão, o corrige abruptamente? Por quê?; com a intenção de saber se esse docente corrige seus alunos no momento imediato em que usam uma variante não-padrão ou se prefere não corrigir para não causar constrangimento. E a terceira e última pergunta: Acredita que a variação linguística pode colaborar no ensino de Língua Portuguesa? Justifique; e mais uma vez instigando o conhecimento prévio que o professor possua sobre a Sociolinguística e como esse conhecimento pode ser produtivo para as aulas de Língua Portuguesa.

As perguntas propostas e as respostas escritas pelos docentes foram descritas fielmente nos quadros que seguem a análise, identificados como QUADRO 01, 02 e 03. No próximo capítulo será apresentado a coleta desses dados e os resultados das pesquisas.

### 3. Análise dos dados

Neste capítulo será esmiuçado as entrevistas citadas previamente, tendo como propósito trazer visões de professores atuantes do atual cenário da educação no Ensino Fundamental II, para que diante disso seja possível debater, apoiado em todo o arcabouço teórico percorrido ao longo deste trabalho, à respeito da variação linguística no ensino da Língua Portuguesa. Como dito anteriormente, foram realizadas seis entrevistas escritas<sup>3</sup> com professores da área de Língua Portuguesa de duas escolas públicas de Serra Talhada - PE, com o objetivo de buscar entender como os professores, nos dias atuais, veem a variação linguística exercida por seus alunos e se os mesmos entendiam como se dava esse processo e qual a importância dele para a formação do aluno.

A primeira pergunta, identificada na QUADRO 01, procurava introduzir o tema da entrevista, procurando entender se o profissional docente tinha conhecimento sobre essa área de pesquisa e quais os efeitos positivos que a execução da mesma poderia causar na formação do aluno.

<b>QUADRO 01 É O que é Sociolinguística e qual a importância dela na formação do aluno?</b>
---

Professor 01: É a parte da linguística que estuda a língua em sociedade, por isso é de grande importância na formação do aluno, pois é preciso mostrar ao aluno que existem maneiras diferentes de se expressar e interagir em sociedade, as quais todas são importantes, seja ela padrão ou coloquial.
---

Professor 02: É o estudo das variações linguísticas dentro e fora da sala de aula. É importante conhecer e respeitar as variedades linguísticas, como uma forma de inclusão social.
---

Professor 03: A sociolinguística é responsável por estudar as relações entre a língua e a sociedade, abordando as variações existentes de acordo com os diferentes aspectos sociais como: faixa etária, grau de escolaridade, classe social, região, entre outros. A sociolinguística é importante na formação do aluno
---

<sup>3</sup> Nos quadros 01, 02 e 03 houve transcrição fiel das respostas escritas pelos professores e das perguntas propostas nas entrevistas.

porque conduz a percepção da riqueza da língua e conseqüentemente o respeito as diferenças.

Professor 04: É o estudo da língua e seu comportamento, é a relação existente entre a língua e a sociedade. É importante para a formação do aluno porque traz o respeito a diversidade linguística.

Professor 05: Sociolinguística é o estudo das variantes linguísticas das regiões. Ela é importante porque o aluno passa a conhecer os diversos tipos de linguagem e utilizá-las na situação adequada e passa a ter respeito dentro da comunicação.

Professor 06: Sociolinguística é o estudo em que relaciona a língua e a sociedade, ou seja, a forma em que as pessoas usam a língua no seu meio social.

Diante das respostas apresentadas acima, dos então seis professores de língua portuguesa entrevistados, pôde-se perceber que todos sabem qual o objeto da Sociolinguística, que é a língua em uso, e reconhecem a importância dela na formação do aluno como uma forma de anular o preconceito linguístico que os alunos acabam por desenvolver sobre suas próprias variações e as de seus colegas, conhecidos e/ou familiares. Mas mais que isso, a Sociolinguística proporciona ao docente uma nova forma de ver a língua, respeitando as variações que a compõe, pelos mais diversos motivos e conseqüentemente levando esse novo olhar para seus discentes, erradicando o preconceito trazido com o ensino de uma língua estritamente gramatical e dando espaço para uma nova forma de ensino de língua.

A segunda pergunta, apresentada no QUADRO 02, pretendia entender se a prática de correção era livremente usada pelo professor, sem buscar entender os tipos de problema que essa prática pode causar, como constrangimentos e traumas à exposição em público.

**QUADRO 02 É Quando um aluno usa uma variante não-padrão, o corrige abruptamente? Por quê?**

Professor 01: Não, porque não existe uma maneira correta ou errada de se falar e sim maneiras diferentes.

Professor 02: Não. Geralmente observamos e depois trazemos textos que possibilitem o debate sobre as variedades linguísticas. E em seguida a análise da norma padrão.

Professor 03: Não, porque não há certo ou errado e sim uma linguagem formal e uma linguagem não-formal. Ao decorrer do tempo o aluno apropria-se do uso formal sem precisar ser corrigido.

Professor 04: Não corrijo, é sua forma de se comunicar, o que faço enquanto professor é guia-lo a sua forma padrão no seu contexto adequado.

Professor 05: Não. Porque pode haver um constrangimento para o aluno e ele pode até desenvolver aversão a língua.

Professor 06: Não. Porque compreendo como ocorre o processo de variação e trabalho essas diversidades com respeito e de forma reflexiva.

Nesta questão, todos os professores responderam negativamente à prática de correção, mas como a pergunta não se fez tão específica quanto à fala, mas ao emprego da variante que pode ser em modalidade escrita, por exemplo, apenas o professor 01, 04 e 05 deixaram claro que se posicionaram a respeito da linguagem oral, sendo que este último enfatizou que não utiliza esse tipo de correção para não causar constrangimento ao aluno, uma prática que pode levar o aluno a ter problemas no aprendizado da língua, causando repulsa à matéria, consequentemente causando-lhe prejuízo no âmbito escolar e ao decorrer de sua vida social. Além disso, por mais que os docentes tenham demonstrado respeito à língua, apenas os professores 03 e 04 abordaram a importância do contexto para a adequação do uso da língua. No mais, todos se mostraram positivos ao respeito às variantes linguísticas e ao emprego delas por seus discentes.

Na terceira e última pergunta, apresentada no QUADRO 03, buscava compreender especificamente, para os professores, como essa prática poderia aperfeiçoar a relação do aluno com sua língua materna, valorizando o ensino de Língua Portuguesa.

**QUADRO 03 É Acredita que a variação linguística pode colaborar no ensino de Língua Portuguesa? Justifique.**

Professor 01: Sim, pois é de grande importância mostrar ao aluno que sua língua varia e que seu dialeto é fundamental para sua formação.
Professor 02: Sim. A sociolinguística contribui tanto para a prática do professor, quanto para o aprendizado do aluno em relação aos aspectos sociais, que contribui para a transformação da nossa língua mãe de forma inclusiva.
Professor 03: Sim, o ensino de língua portuguesa deve abordar a variação linguística porque ela é relevante para o estudo da língua.
Professor 04: Sim, é a forma de entender como falamos e o quanto ela interfere em nosso dia a dia, desde a colonização até a Era da Tecnologia com a internet.
Professor 05: Com certeza, para não haver preconceito linguístico e o aluno ter acesso a todos os tipos de linguagem.
Professor 06: Sim, enriquece seu dialeto e dá oportunidade de escolha na hora de falar, adequando o contexto oral ou escrito, nas ocasiões precisas.

Nesta última questão, mais uma vez os professores se posicionaram positivamente ao uso dos conhecimentos da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, porque por mais que essa vertente não seja diretamente ligada a esse contexto do ensino nas escolas públicas, seus estudos colaboram na formação do docente que conseqüentemente muda a forma de ver o uso da língua e de ensinar, trazendo respeito às variações e fazendo-os esclarecer aos seus alunos em situações de uso que a língua se adapta aos momentos de fala e que o que os alunos falam não é um português inferior, mas que além dessa forma de falar que ele construiu até então, existe outras diversas formas de falar a mesma coisa, onde nenhuma é superior à outra, são apenas diferentes e que se adequam ao contexto de uso, valorizando o conhecimento que o aluno já traz que engloba sua vida social, cultural etc., para agregar ainda mais conhecimento.

Concluindo a análise das entrevistas aqui mencionadas, foi possível perceber que no cenário atual do ensino os professores têm conhecimento da Sociolinguística e da importância da mesma na formação escolar e cidadã dos alunos, enfatizando nas entrevistas o respeito às variações, não sendo demonstrado em nenhuma entrevista o prestígio à norma padrão da língua, pelo contrário, foi descrito uma sala de aula com respeito às variações linguísticas, que consegue trabalhar em conjunto

com a gramática normativa, para que os mesmos tenham acesso às diversas formas de expressar a língua em seus mais diversos contextos, pois como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) o ensino da gramática normativa também se faz importante, pois não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. Mas que segundo a ótica da Sociolinguística, deve ser feita de forma conjunta para não haver privilégio de uma e inferiorização de outra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de línguas no Brasil, que iniciou com os métodos de aplicação das escolas Jesuítas, com as línguas clássicas, como o Latim, religiosos esses que foram trazidos juntamente com o processo de colonização, buscava um aprendizado normativo da língua, estritamente voltado às regras e ao modo correto de se expressar. A perpetuação dessas práticas, mesmo depois da expulsão dos jesuítas, fez com que o ensino de Língua Portuguesa continuasse com seu foco principal na gramática, tendo seus primeiros manuais produzidos pelos professores do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro . RJ, porque até aquele momento não havia uma melhor proposta de ensino e a forma gramatical e estruturalista perpetuou-se, principalmente com a implantação de Livros Didáticos para auxílio aos professores que agora precisavam lidar com uma nova realidade no ensino nos anos 50, com salas lotadas e alunos de realidades heterogêneas, quando o ensino deixa de ser elitizado e os filhos dos trabalhadores passam a ter acesso a ele, o que culminou na fatosa ferramenta ser utilizada como se fosse a única e dando continuação ao estudo estrutural e gramatical da língua, que acabava sendo mais fácil e mais rápido.

Somente com chegada de documentos federais como as LDBs (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) é que a língua em uso passa a ter vez e começa-se a ser introduzido aos professores a importância do respeito a variação, trazendo a relevância da escola e do professor de desmistificar a ideia do falar errado. Questões como essas trazidas nesses documentos federais são frutos da Sociolinguística, que traz estudos relevantes sobre o respeito a variação e que no momento em que entra aos currículos de formação dos professores, passa a integralizar docentes em sala que entendem a importância do respeito as variantes empregadas pelos alunos e que nenhuma delas é inferior à como a gramática normativa traz em seus manuais.

Essa nova forma de ver o ensino de Língua Portuguesa pôde ser constatada nas seis entrevistas então percorridas neste trabalho, onde foram entrevistados seis professores de duas escolas públicas de Serra Talhada - PE e todos responderam positivamente ao conhecimento da área da Sociolinguística e da sua importância

para uma educação mais ampla e inclusiva. O resultado da pesquisa mostrou que o cenário da educação atual da língua está se modificando e dando espaço ao respeito às diversidades linguísticas, e que a tendência é cada vez mais dar espaço a novos professores, com cada vez mais conhecimento sobre a Sociolinguística e a importância dos seus estudos na sua formação e conseqüentemente na formação dos seus futuros alunos.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Ed. Loyola. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. Parábola. São Paulo, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. Parábola. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. Parábola. São Paulo, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

CLARE, N. de A. V. **Ensino de Língua Portuguesa: Uma visão histórica**.

Disponível em

<<http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/23/idioma23a01.pdf>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

COAN, Márluce. FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. Revista Eletrônica de Linguística. Uberlândia, 2010.

COELHO, I. L. GORSKI, E. M. MAY, G. H. SOUZA, C. M. N. **Sociolinguística**. Florianópolis, 2012.

GUIMARÃES, Eduardo. **A língua Portuguesa no Brasil**. Disponível em

<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015)>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

GUY, G. R. **A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística**. Disponível em

<<https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30194/18703>> Acesso em 08 de setembro de 2018.

IBIAPINA, D. F. **Variação Linguística em sala de aula de língua portuguesa: uma abordagem etnográfica**. Anais do SIELP. Uberlândia, 2012.

JÚNIOR, S. N. da S. OLIVEIRA, F. A. de L. **A sociolinguística aplicada ao ensino: como os docentes vêem as variações linguísticas?**. Web Revista Sociodiaeto, UEMS, Campo Grande, 2015.

LUCCHESI, Dante. ARAÚJO, Silvana. **A teoria da Variação Linguística**. Disponível em <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em 01 de maio de 2018.

MACIEL, L. S. B. NETO, A. S. **A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino.** Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003)>. Acesso em 30 de abril de 2018.

MALFACINI, A. C. dos S. **BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: da Reforma Pombalina ao uso de materiais didáticos apostilados.** Disponível em <[http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/28/Idioma28\\_a04.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/28/Idioma28_a04.pdf)>. Acesso em 30 de abril de 2018.

MARRA, Daniel. MILANI, S. E. **Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet.** Linha d'água, 2012.

NEGRÃO, A. M. M. **Resenhas.** Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782000000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200010)>. Acesso em 30 de abril de 2018.

PIMENTEL, Patrícia. **Breve história do ensino de Língua Portuguesa no Brasil.** Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12148-breve-história-do-ensino-de-língua-portuguesa-no-brasil>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

ROZA, E. S. **Formação docente, ensino da língua e variação linguística.** Disponível em <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/download/4551/1652>>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

SAUSSURE. Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo, 2006.

SECO, A. P. AMARAL, T. C. I. **Marquês De Pombal e a Reforma Educacional Brasileira.** Disponível em <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo\\_pombalino\\_intro.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html)>. Acesso em 05 de setembro de 2018.

SILVA, T. B. **Estamos formando professores que conhecem a variação linguística? Uma análise acerca da importância dos dados e das teorias para o ensino de língua.** Letras & Letras. Uberlândia, 2015.

SOUZA, Adriano. SIMIONI, Taíse. **A variação linguística e a formação de professores/as de Língua Portuguesa.** Revista Escrita. Rio de Janeiro, 2017.

VALENTIM, M. C. SILVEIRA, V. L. **Variações linguísticas e a formação de docentes das séries iniciais do ensino fundamental.** Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, 2015.

VANIN, A. A. **Considerações relevantes sobre definições de Comunidade de fala** Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, 2009.